

Criações de E-zines no Meio Digital por Jovens no Período da Pandemia (2020-2021)

Creation of E-zines in the Digital Media by Young People During the Pandemic (2020-2021)

Gerciane do Nascimento Lima
Shara Jane Holanda Costa Adad
Universidade Federal do Piauí
Teresina-Brasil

Resumo

Este artigo é um excerto da dissertação apresentada cuja pesquisa parte das experiências da autora com a produção de fanzines desde o ensino médio até o mestrado. Durante a pandemia de Covid-19, com a impossibilidade de realizar pesquisas presenciais entre jovens, a autora adotou a abordagem da netnografia, que forneceu as bases para analisar quatro e-zines produzidos por jovens do Instituto Federal Fluminense, campus Macaé, participantes da fanzinoteca. O objetivo geral foi analisar os saberes, emoções e sentimentos expressos em e-zines produzidos por jovens e compartilhados digitalmente no período da pandemia de Covid-19 (2020-2021). Os resultados apontam para processos de criação juvenil, evidenciados na autorialidade e na participação ativa dos jovens, destacando o resgate de histórias orais, a importância dos vínculos familiares e a escuta ativa.

Palavras-chave: Fanzines; Pandemia; Jovens.

Abstract

This article is an excerpt from the defended dissertation which the research starts from the author's experiences in the production of fanzines from high school to her master's degree. During the Covid-19 pandemic, with the impossibility of carrying out in-person research among young people, the author adopted the netnography approach, which provided the basis for analyzing four e-zines produced by young people from the Instituto Federal Fluminense, Macaé campus, participants of the Fanzinoteca. The general objective was to analyze the knowledge, emotions and feelings expressed in e-zines produced by young people and shared digitally during the COVID-19 pandemic (2020-2021). The results point out to processes of youth creation, evidenced in the authorship and active participation of young people, highlighting the rescue of oral stories, the importance of family ties and active listening.

Keywords: Fanzines; Pandemic; Young people.

Introdução

“De que são feitos os dias?
De pequenos desejos,
vagarosas saudades,
silenciosas lembranças”
(Cecília Meireles)

Iniciar o texto com Cecília Meireles faz lembrar as saudades, os desejos e as lembranças que foram pontos de partida para o trabalho e a escrita da dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Piauí, intitulada Criações de e-zines no meio digital: saberes, emoções e sentimentos de jovens no período da pandemia (2020-2021). A partir das minhas experiências como jovem estudante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), entre 2013 e 2015, e das vivências durante a pandemia de Covid-19, que começou em março de 2020, surgiu a motivação para pesquisar sobre jovens e suas criações de zines.

Partindo das minhas experiências como estudante de um Instituto Federal, vaga conquistada graças à Lei de Cotas, comecei a frequentar, por curiosidade, oficinas ministradas por estudantes do terceiro ano do ensino médio técnico, que se tornaram a motivação para continuar estudando e pesquisando o fascinante mundo dos fanzines. Para Adad (2011, p. 43), “[...] nenhum trabalho surge do acaso, mas sim da própria vida de alguma de suas circunstâncias”. Assim, as vivências narradas em primeira pessoa ressoam os afetamentos provocados e como fui atravessando cada ciclo, até mesmo os efeitos da pandemia, pois

Falar (ou escrever) na primeira pessoa não significa falar de si mesmo, colocar a si mesmo como tema ou conteúdo do que se diz, mas significa, de preferência, falar (ou escrever) a partir de si mesmo, colocar a si mesmo em jogo no que se diz ou pensa, expor-se no que se diz e no que se pensa (Larrosa, 2021, p. 70).

Viver parte da minha juventude no IFMA passou por atravessamentos ora leves, divertidos e curiosos, com uma diversidade de aprendizados; ora dificultosos, com pressão, insegurança e medo de não dar conta das inúmeras disciplinas e do futuro, como a escolha de um curso superior. Olhando para o passado e refletindo sobre o presente, compreendo que as políticas de assistência estudantil foram essenciais para minha permanência e conclusão do ensino médio, como a bolsa do projeto de extensão “Fanzine e Leitura de Mundo”. Para relembrar como foi habitar o IFMA, escrevi um diário de itinerância:

Diário de Itinerância: 23 de janeiro de 2023

Gerciane Lima

Lembro-me se que pertencer àquele espaço significava passar o dia por lá, pois a assistência garantia médico, enfermeiro, psicólogo, estar conectada às redes sociais, ter acesso aos livros, ter o conforto das cadeiras, das mesas, do ar refrigerado, ter bolsa-alimentação para auxílio no lanche, tendo em vista que naquele momento não havia refeitório. Além disso, passava horas com amigas/amigos, inclusive, alguns que moravam em outra cidade iam à minha residência para suas necessidades básicas, como almoçar, tomar banho, dentre outros, pois, minha casa era próxima à escola.

A política de cotas proporcionou-me o ingresso no IFMA, e o acesso à internet foi um fator crucial para me conectar com outros jovens e adquirir conhecimentos, pois, na época, não havia internet em casa. Somente em 2020, durante a pandemia de Covid-19, instalamos internet em casa, em Santa Inês, Maranhão, para que eu pudesse participar das aulas remotas do nono período de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Nos últimos períodos do curso de Pedagogia, ao iniciar a produção da monografia, tive o desejo de realizar uma pesquisa de campo com estudantes do quinto ano do Ensino Fundamental I da rede municipal de Teresina, para que conhecessem a vastidão do mundo dos fanzines. No entanto, em 2020, vivemos algo inimaginável: a pandemia de Covid-19, que se iniciou em março daquele ano e causou uma crise sanitária global. No Brasil, mais de 730 mil pessoas perderam suas vidas; no mundo, foram quase sete milhões de óbitos. Essa realidade mudou drasticamente nossos hábitos, cuidados e formas de viver.

Devido à pandemia, a realização da pesquisa de campo tornou-se inviável, pois eu desejava trabalhar com fanzines e com a Sociopoética, abordagem de pesquisa que é um percurso de formação de si e do mundo, causando transformação (Silva; Adad, 2020). Assim, decidi focar minha monografia no acervo de fanzines resultantes de uma oficina de intervenção do Programa Residência Pedagógica (RP), instituído pela Portaria Normativa n.º 38, de 28 de fevereiro de 2018. O artigo 1º da portaria estabelece que a RP visa “[...] apoiar Instituições de Ensino Superior (IES) na implementação de projetos inovadores que estimulem a articulação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura, em parceria com as redes públicas de educação básica”.

Desse modo, os fanzines confeccionados na RP em 2019, com os estudantes, tornaram-se os documentos analisados no TCC, proporcionando um relato de experiências com base

em oficinas de "gênero música" nas aulas de língua portuguesa de uma turma do quinto ano de uma escola municipal de Teresina. Ao analisar as produções realizadas, percebi o potencial criativo dos zines, que foram feitos coletivamente. O TCC, defendido em 2021, teve como título "O uso do fanzine como dispositivo de potencialidades criativas com alunos do ensino fundamental I".

Em 2021, ingressei no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), no qual todas as atividades ocorreram de maneira virtual, devido à pandemia. Logo no primeiro ano, o mestrado foi vivido remotamente. Tive que me adaptar ao formato, vendo a turma inteira por meio de "janelas" nas plataformas de acesso. Às vezes, parecia que a turma não estava totalmente ali. Apenas as câmeras da professora e a minha permaneciam ligadas, enquanto as demais eram representadas por fotos ou letras. Isso me trouxe inquietações: a turma realmente estava presente? Estavam conectados com a aula? Que modos de estar junto e não estar ao mesmo tempo, o ensino remoto nos trouxe? Essas foram algumas das reflexões provocadas por essa experiência singular.

A pesquisa de mestrado teve como objetivo geral analisar os saberes, emoções e sentimentos expressos em e-zines (fanzines/zines virtuais) produzidos e/ou que tiveram a participação de jovens na Educação, compartilhados no meio digital durante a pandemia de Covid-19, entre 2020 e 2021. Os objetivos específicos incluíam identificar as temáticas dos e-zines produzidos nesse período e os saberes, emoções e sentimentos mobilizados pelos jovens que participaram dessas produções.

Nos próximos tópicos, abordarei os conceitos de fanzine, a apresentação da fanzinoteca de Macaé e seu trabalho com os estudantes, além dos e-zines analisados.

Uma conversa sobre fanzines, fanzinoteca e jovens que fazem zines

Os fanzines respiram e vivem com as juventudes, pois foram e são feitos por jovens. Desde meados da década de 1920, já existiam trabalhos que discutiam suas paixões, principalmente por fãs de histórias em quadrinhos, mas esses eram chamados de boletins. O termo fanzine é uma contração de duas palavras: "*fanatic*" e "*magazine*", significando, em tradução livre, "revista de fã".

Segundo Magalhães (1993, p. 10), os fanzines são veículos amplamente livres de censura. Seus autores divulgam o que querem, sem se preocupar com grandes tiragens ou lucros, sendo, assim, desvinculados do mercado editorial e suas amarras; e ainda segundo este

autor, fanzines são “[...] produtos de grupos marginalizados cultural e geograficamente, bem como porta-vozes de uma cultura *underground*, contracultural ou independente”, destacando que os zines não fazem parte das grandes mídias editoriais (Magalhães, 2009, p. 107).

Essas publicações também são chamadas de zines, e quem as faz é o fanzineiro ou fanzineira. Os locais que guardam esses acervos são as fanzinotecas. Para Galvão (2010, p. 84), “[...] os fanzines são trabalhos feitos por leitores e consumidores de mídias e signos para seus pares, para aqueles que compartilham os mesmos códigos e sensibilidades”. Nesse sentido, o fanzineiro compartilha com seus iguais suas criações. Como Galvão afirma:

Perguntar-se sobre o que é um fanzine é um ato de se questionar como uma produção alternativa amadora – não vista por todos – pode ter tamanho poder para divulgar ideias. Constituindo o principal veículo de comunicação utilizado por diversos movimentos alternativos de juventude, como o punk, o Anarcopunk, HQs, ficção científica, poesia e uma infinidade de grupos que não têm espaço na grande mídia. Então, o Fanzine é uma mídia minúscula, que veicula o que o oficial exclui, podendo encontrar desde receitas de comida vegetariana até receitas de bombas caseiras (Galvão, 2005, p. 18).

Pensar o fanzine como uma mídia menor remete à reflexão sobre o conceito de literatura menor, que não se refere à língua em si, mas ao que uma minoria faz com ela, subvertendo seu uso, como explica Gallo (2003, p. 75): “[...] uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas o que uma minoria faz com uma língua maior”.

Não é à toa que Magalhães (2018, p. 31) fala do fanzine eclodindo de um movimento juvenil minoritário: “A eclosão do movimento punk na década de 1970 na Inglaterra gerou uma verdadeira onda de fanzines dirigidos à música ligada a essa expressão contracultural”.

Os fanzines punks trouxeram ideias novas e contestadoras à já desgastada contracultura da década de 1960. Sua importância se deve não só por ter criado uma onda irrefreável de novas publicações, mas por ter massificado o termo fanzine, que ganhou popularidade e passou a denominar de forma abrangente os boletins de fã-clubes ou as revistas de aficionados (Magalhães, 2018, p. 32).

Fazer fanzine é um ato de resistência, pois vai contra os regimes das grandes editoras. Com poucos materiais, como papel, tesoura, caneta e revistas, é possível abrir espaço para falar, escrever, desenhar e colar sobre o que se gosta, o que se tem vontade de expressar. Os fanzines dão voz a grupos minoritários, permitindo que jovens expressem suas frustrações, sonhos, indignações e paixões.

Criações de e-zines no meio digital por jovens no período da pandemia (2020-2021)

A confecção dos fanzines pode variar, desde livretos simples de 4 a 8 páginas até formatos mais elaborados. Após a criação da matriz, as cópias são geralmente feitas em preto e branco, utilizando máquinas fotocopadoras, por ser mais econômico. Com o avanço da era digital, os fanzines também se adaptaram, surgindo os chamados e-zines:

E-zine, webzine, cyberzine, zine eletrônico, zine virtual, revista eletrônica, e-magazine, muitos são os nomes pelos quais costumamos identificar essa prática discursiva. Na verdade, todos esses rótulos acabam remetendo a um só evento comunicativo: o ato de veicular, através da internet, produções artísticas ou divulgar informações sobre elas fora das legitimadas instâncias comerciais de produção cultural. São, portanto, edições eletrônicas, que abordam todo tipo de assunto, especialmente os que se referem a histórias em quadrinhos, experimentações gráficas, bandas musicais independentes, conto, poesia, ficção científica, entre outros. Resulta da expansão e migração do (fan)zine para o ambiente virtual (Zavam, 2007, p. 94).

Assim, os e-zines passaram a se espalhar em sites, documentários e redes sociais, resistindo e sendo consumidos tanto por aqueles que já conheciam o formato quanto por pessoas leigas no assunto. Os e-zines criados por jovens e/ou que tiveram a participação deles possibilitaram a realização desta pesquisa, mesmo durante a pandemia, que interferiu nas relações, no trabalho, na educação e nas interações sociais.

Os jovens, ao entrarem em contato com os fanzines, encontram a oportunidade de expressar suas experiências de mundo, criar novos conceitos e formas de resistência, de ser jovem. O fanzine, em si, é uma forma de resistência. Em sala de aula, ele abre caminhos para práticas educativas que possibilitam uma interação mais próxima com os educandos.

Produzir zines em sala de aula está ligado ao processo de aprendizagem, que, como afirma Kastrup (2012, p. 53), “[...] é inventar mundos – e não apenas se adaptar ao mundo existente”. O fanzine na educação contribui para uma aprendizagem inventiva, possibilitando a criação de novas realidades.

A força criativa dos fanzines se mostrou mais importante que a realização das próprias publicações. Com os fanzines, a liberdade de expressão pode se manifestar em plenitude, a experimentação gráfica rompe os cânones das cartilhas editoriais e os jovens têm seu veículo para fazer circular suas ideias. Tantas possibilidades expressivas não poderiam passar ao largo dos processos pedagógicos, e não passaram. (Magalhães, 2013, p. 64)

É evidente a ligação intrínseca dessas publicações com as juventudes, pois, em diversos contextos, os zines passaram a habitar o meio dos jovens, desde as décadas de 1980 e 1990, até as juventudes atuais, que consomem e produzem zines, disseminando suas visões,

ideias, sonhos e criações. Embora este trabalho tenha como foco o público jovem, ressaltar que desde crianças até adultos podem desfrutar do vasto universo dos zines.

Na educação, fanzineiros das décadas passadas que se tornaram educadores levaram esse veículo para a sala de aula, contribuindo para a autonomia dos processos criativos dos alunos. Conforme Pinto (2020, p. 15), “[...] o fanzine pode ser um valioso exercício de leitura e escrita, e, principalmente, possibilita ao aluno se tornar o autor de sua própria obra, permitindo que ele seja ouvido”. Conheci os fanzines dentro da sala de aula e, desde então, levei essa prática para a graduação, o mestrado e o meu local de trabalho. A seguir, discorrerei sobre a fanzinoteca e os e-zines escolhidos para análise.

Fanzinoteca de Macaé e seu trabalho com os jovens

As pesquisas na internet me direcionaram para o espaço virtual da fanzinoteca de Macaé. Antes de existir fisicamente, o projeto de extensão coordenado por Alberto Souza, conhecido como Beralto, chamava-se IFanzone, um neologismo que une o “I” de Instituto a “fanzine”. Com a expansão do projeto e a criação de um espaço físico, o projeto passou a se chamar fanzinoteca, cujo símbolo está presente em todos os zines produzidos.

No site da editora Marca de Fantasia, há uma página de apresentação e divulgação dos zines confeccionados pela fanzinoteca, que estão disponíveis para acesso. Segundo o site:

IFanzone é um projeto de extensão na modalidade Arte e Cultura, conduzido pelo designer e cartunista Alberto Carlos Paula de Souza - Beralto - no Instituto Federal Fluminense campus Macaé, Rio de Janeiro, que desde 2013 promove continuamente oficinas de criação de fanzines e HQs em instituições de ensino e eventos culturais. O envolvimento da comunidade externa e contínuo intercâmbio com artistas, fanzineiros, pesquisadores e educadores de diversas partes do país resultam em edições ecléticas, apresentando quadrinhos, cartuns, ilustrações, artigos, entrevistas e relatos de educadores que empregam zines e HQ na sala de aula. Com o desenvolvimento do projeto, criou-se em 11 de outubro de 2017 uma fanzinoteca para abrigar o acervo da produção local e de outros editores. No início de 2016 a publicação Peibê, produzida pelos extensionistas do projeto, foi contemplada com o Troféu Angelo Agostini na categoria fanzine, representando o reconhecimento do alcance do projeto, que amplia horizontes enquanto proposta de disseminação da cultura dos fanzines em uma interação entre escola e sociedade. Esse reconhecimento estende-se ao sítio da editora Marca de Fantasia, que passa a disponibilizar, em versão digital, as publicações produzidas no projeto. (Marca de Fantasia, 2018)

A fanzinoteca, localizada no Instituto Federal Fluminense de Macaé, possui um espaço físico com vasto acervo, onde são realizadas oficinas de produção de fanzines e atividades que envolvem professores, estudantes do campus e parceiros.

Criações de e-zines no meio digital por jovens no período da pandemia (2020-2021)

Imagem 1: Print do Instagram da fanzinoteca



Fonte: Instagram: @fanzinotecamacae

Imagem 2: inauguração da fanzinoteca



Fonte: Instagram: @fanzinotecamacae

Entre cliques: formando caminhos metodológicos

A metodologia da pesquisa baseia-se na netnografia, que “[...] foi desenvolvida na área da pesquisa de *marketing* e consumo, um campo interdisciplinar aplicado que está aberto ao rápido desenvolvimento e à adoção de novas técnicas” (Kozinets, 2014, p. 10). Essa abordagem expandiu-se para outros campos e tem ultimamente contribuído em pesquisas na área da educação:

A abordagem netnográfica é adaptada para ajudar o professor a estudar não apenas fóruns, bate-papos e grupos de notícias, como também blogs, comunidades audiovisuais, fotográficas e de pod-casting, mundos virtuais, jogadores em rede, comunidades móveis e websites de redes sociais (Kozinets, 2014, p. 11).

Nesse processo de desterritorialização que a pandemia foi causando, em que a sociedade passou a viver mais tempo on-line, com cliques, visualizações, postagens, *lives*, curtidas, compartilhamentos, comecei a dar passos pelos meios virtuais e, nas minhas buscas por perfis relacionados com fanzines, entrei no *Facebook* e encontrei o perfil de Marcio Sno, e, olhando suas publicações, percebi a riqueza de informações sobre seu trabalho com oficinas e sua produção independente entre desenhos, zines, microzines e o Encostinho, personagem de sua criação confeccionado com feltro. Então, vi a divulgação de seu livro contando suas experiências com oficinas de produção de fanzines. Assim, entrei em contato com ele via *Messenger* e encomendei o livro. Passados alguns dias, recebi a obra pelos Correios e comecei a ler, depois disso procurei o perfil dele no *Instagram* e passei a acompanhar seu trabalho, e a assistir aos vídeos que ele produziu ao longo da pandemia.

Imagem 3: Print do perfil no Facebook do fanzineiro, Márcio Sno



Fonte: Instagram: @marciosno

A partir desse perfil, encontrei dois outros que me ajudaram a encontrar a fanzinoteca, ou seja, fui direcionada a esse tipo de conteúdo estrategicamente, visto que essa rede social percebeu meu interesse, então, comecei uma vasta pesquisa até encontrar os materiais que estão presentes na dissertação.

Outro perfil público com vasto conteúdo zineiro é do professor universitário e fanzineiro Gazy Andraus. Eu já tinha lido alguns de seus artigos em dossiês e livros, então comecei a segui-lo no *Instagram* e a olhar suas postagens, que me levaram a outro arroba, o da editora independente Marca de Fantasia, criada em 1995, por Henrique Magalhães. Boa parte do acervo das produções envolvendo fanzines que venho estudando, encontrei disponível em seu *site*.

Esses perfis citados foram essenciais para que as buscas me encaminhassem para o *Instagram* que passou a ser o território no qual encontrei suporte para uma pesquisa documental, onde fui direcionada para o acervo dos e-zines produzidos por jovens e/ou que tiveram suas contribuições no período da pandemia. Em @fanzinotecamacae encontrei postagens dos trabalhos realizados mesmo diante do isolamento social, em que os meios virtuais contribuíram de modo significativo para os trabalhos envolvendo as juventudes que participam do espaço da fanzinoteca e convivem com fanzines/e-zines.

Dessa forma, no *site* do IF de Macaé, pesquisei as notícias dos trabalhos que foram produzidos durante o período 2020-2021 e realizei *downloads* dos documentos (e-zines) para analisá-los. No perfil do *Instagram*, observei as postagens e os compartilhamentos desses documentos e no *YouTube* assisti aos vídeos relacionados às produções dos e-zines.

Saberes, emoções e sentimentos criados em e-zines

Para analisar saberes, emoções e sentimentos expressos em e-zines (fanzines/zines virtuais) produzidos e/ou que tiveram a participação de jovens na Educação e foram compartilhados no meio digital no período da pandemia de Covid-19, entre 2020 e 2021; e para identificar as temáticas de e-zines produzidos e/ou que tiveram a participação de jovens na Educação e foram compartilhados nos meios digitais no período da pandemia de Covid-19 entre 2020-2021, selecionei quatro e-zines que foram produzidos nesse período na fanzinoteca e que estão disponíveis no *site* do IF Fluminense para *downloads*.

Os zines foram compartilhados e divulgados tanto no *site* do IF, quanto no *Instagram* da fanzinoteca, e, também, no canal do *YouTube*. Os e-zines que selecionei possuem os

seguintes títulos: Auxílio Emergencial, Vamos Vencer o Coronavírus, Traços de Memória e Peibê. A seguir, as imagens das capas de cada um.

Imagem 4: Capas dos e-zines disponíveis no site do IF Macaé



Fonte: Portal do Instituto Federal Fluminense

Imagem 5: Capas dos e-zines disponíveis no site do IF Macaé



Fonte: Portal do Instituto Federal Fluminense.

Na experiência de analisar essas produções, bem como o que foi produzido durante meu estágio na docência durante o mestrado, percebi que:

Criações de e-zines no meio digital por jovens no período da pandemia (2020-2021)

Na frequência cotidiana à escola, o jovem leva consigo o conjunto de experiências sociais vivenciadas nos mais diferentes tempos e espaços que, como vimos, constituem uma determinada condição juvenil que vai influenciar, e muito, a sua experiência escolar e os sentidos atribuídos a ela (Dayrell, 2007, p. 118).

O primeiro e zine trata do “Auxílio Emergencial – Que direito é esse?”, em que foi produzida uma espécie de cartilha zine *on-line*, na qual há informações de forma prática e instrutiva, como informações sobre o que é o auxílio, quem tem direito e o passo a passo para o cadastro e onde e como receber o benefício. Essa produção tornou-se útil tanto para os jovens estudantes do IF e suas famílias quanto para o público da cidade de Macaé. A imagem a seguir é *print* de uma postagem referente à cartilha-zine no perfil da fanzinoteca Macaé.

Imagem 6: Postagem no *Instagram* da cartilha-zine “Auxílio Emergencial: que direito é esse?”



Fonte: Instagram @fanzinotecamacae

O segundo e zine, “Vamos Vencer o Coronavírus”, foi elaborado em 2020, mediante parceria entre o IFF de Macaé, a fanzinoteca, a Prefeitura de Rio das Ostras e a Universidade Federal Fluminense, e teve a participação de professoras/es, do coordenador Alberto de

Souza, da jovem estudante e bolsista da fanzinoteca, Karoll Castro, da Secretaria de Saúde de Rio das Ostras. Foram distribuídas versões impressas com cestas básicas para as famílias do município e a versão *on-line* disponibilizada para *download*. Também foi reproduzido um vídeo do YouTube.

Conforme o site do IFF de Macaé, o objetivo foi de:

Gerar diálogo e enfrentar o medo, ampliando a voz e a participação de crianças nas estratégias educativas, comunitárias e de base popular no enfrentamento da pandemia. O fanzine foi idealizado e roteirizado pela Profa. Hayda Alves, coordenadora do programa de extensão “Adolescentes e jovens do interior do Estado do Rio de Janeiro: participação, direitos e saúde”, da UFF, que promove a linguagem zineira por meio de oficinas das quais também fazem parte os professores Paula Sirelli, Nilda Sirelli, Maria Raimunda Soares e Bruno Ferreira Teixeira, além de estudantes dos cursos de Enfermagem, Serviço Social e Psicologia (Brasil, 2020).

Esse zine, realizado através da parceria entre IFF e a Prefeitura, contou com a equipe da fanzinoteca para a criação das artes, havendo a presença de uma jovem em sua produção, bolsista do projeto de extensão IFanzine. Para a elaboração do material, foram realizadas as perguntas “[...] que informações devem ser produzidas para as crianças sobre a pandemia da Covid-19? Como apresentá-las de forma a potencializar o diálogo ao invés do medo?” (Alves *et al.*, 2020, p. 43)

Com oito páginas, em versão preto e branco, de modo didático e ilustrativo, o zine foi distribuído tanto em impressões, juntamente com um kit de lápis de cor para colorir, quanto no YouTube, no canal da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da UFF.

Imagem 7: E-zine Vamos Vencer o Coronavírus



Fonte: Portal do Instituto Federal Fluminense

Imagem 8: Capa do vídeo disponível no YouTube



Fonte: Instagram: @fanzinotecamacae.

O terceiro, em sua sétima edição, a revista Peibê, em virtude da pandemia de Covid-19, foi lançada em 2020 na versão *on-line*, contemplada na categoria fanzine, ganhando o 37º Troféu Agostini, na categoria Melhor Fanzine (de quadrinhos ou sobre quadrinhos), em evento transmitido via YouTube.

O zine Peibê é uma publicação organizada pelo projeto de extensão IFanzone e é mais alternativa, em um misto de quadrinistas e fanzineiros, tanto profissionais quanto amadores, que expressam suas artes. Desse modo, tanto estudantes quanto fanzineiros de diversos lugares do país estão presentes na sétima edição. A versão digital possui 44 páginas.

No site da Marca de Fantasia, há disponível a versão digital da edição Peibê e a apresentação dos motivos de ser virtual devido à pandemia de Covid-19.

Pela primeira vez, o fanzine PEIBÊ será lançado exclusivamente em versão *on-line*, sendo a excepcionalidade decorrente da pandemia de Covid-19. Conforme determinação das autoridades sanitárias e de saúde, o coletivo integrado por servidores e estudantes do Instituto Federal Fluminense Campus Macaé vinculados ao projeto fanzinoteca, responsável pela edição do zine PEIBÊ, lançou mão das ferramentas digitais disponíveis, antecipando o lançamento da presente edição em versão para acesso nas plataformas *on-line* e para download. Visamos colaborar com o enfrentamento da Covid-19 oferecendo mais uma edição do zine PEIBÊ, que traz a arte dos quadrinhos com características típicas dos fanzines, mantendo a fórmula já consolidada do zine, que congrega veteranos do fanzinato e jovens talentos revelados a partir do projeto de extensão acadêmica do IFF Macaé, localizado no interior litoral norte do estado do Rio de Janeiro. Juntamente com o lançamento do zine, o Coletivo fanzinoteca produziu, ainda, um vídeo-documentário intitulado: "Faça em casa e ganhe as ruas!", reunindo alguns dos autores presentes à publicação. O documentário apresenta aspectos de sua trajetória nos zines, presentes na vida, na arte, no ensino e na pesquisa, revelando o amplo potencial do zine como mídia comunicacional contra-hegemônica, como suporte à autoralidade, como ferramenta no ensino e aprendizagem. Estas e outras possibilidades atribuídas aos fanzines são promovidas pela fanzinoteca IFF Macaé em sua trajetória de mais de 7 anos de projeto e 3 anos de corporificação da fanzinoteca num espaço físico, onde se disponibiliza o acervo de fanzines produzidos pelos estudantes vinculados ao projeto, bem como os doados pela comunidade zineira e obtidos a partir de habituais

trocas. O vídeo e o zine evidenciam os atributos proeminentes do zine em tempos de distanciamento social, mas jamais um isolamento comunicacional: "faça você mesmo, do seu jeito, com recursos acessíveis e bote o bloco na rua". Participam do zine PEIBÊ#7: Beralto, Catia Ana, Cervo, Ciberpajé (Edgar Franco), David Beat, Edson Baptista, Elidiomar Silva, Fabio Barbosa da Silva, Gazy Andraus, Jackeline Silva, Josi Om, Karoll Castro, Keven Rocha, Luci Boa Nova Coelho, Mestre dos Magros, Danielle Barros, Sandro Leonardo, Sara Gaspar, Thina Curtis, Ubirajara Santiago. Revisão: Valdênia Lins (Jornalista). Coordenação FANZINOTECA: Beralto - Alberto de Souza Ubirajara Santiago Andrea Barbosa Peibê é uma publicação alternativa editada pelo projeto de extensão FANZINOTECA IFF Macaé, sob a chancela do Instituto Federal Fluminense campus Macaé (Marca de fantasia, 2020).

O e zine “Traços de Memória” teve seu primeiro lançamento em 2015, e o número dois em 2016.

A confecção do zine “Traços de Memória”, além de produzir os vínculos políticos já aludidos, traduz um passo no alargamento da experiência criativa dos seus autores, os quais, a partir dos zines, ganham maior confiança no sentido da experimentação das artes visuais e das suas técnicas de escrita. Tais inferências estão fundamentadas nas observações, desde as primeiras expressões de alguns, da desenvoltura que se foi revelando a partir da experiência com os zines. Tal é, por exemplo, o caminho de Sara Gaspar, que atualmente desenvolve projeto de extensão sobre alimentação consciente a partir dos zines na UFRJ em Macaé. E o mesmo tem sucedido a outros estudantes/jovens cuja procura pelo desenvolvimento intelectual e expressivo é amadurecida e enriquecida pela ambientação que, mediante o projeto IFanzine, é propiciada pelas atividades da fanzinoteca (Pinto; Souza, 2021, p. 162-163).

Analisar o e zine “Traços de Memória” é identificar a junção de saberes orais que foram registrados e que passam a ser compartilhados não apenas na oralidade, mas também nos espaços virtuais, em que o papel não passa pela mão, mas as histórias chegam por meio de cliques e são visualizadas e lidas por meio de *notebooks*, celulares e *tablets*. Assim, são deixados traços para uma viagem em memórias que não são nossas, mas que se misturam com as nossas e assim vão se tornando coletivas nessa fraternidade de compartilhamento de zines.

Para Freire (2021, p. 28), “O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. Corroborando essa ideia, entendo que os zines apresentados ao longo deste trabalho movimentam-se no espaço escolar, onde os saberes técnicos têm imperatividade por estarem no espaço onde a educação técnica é ofertada juntamente com o ensino médio (refiro-me aos dois IFs mencionados na dissertação). Dessa forma, esse pensamento de Paulo Freire faz-me ir às reflexões que envolvem as práticas educativas nas quais envolvi o fanzine,

que estão mais presentes na educação formal, pois, como mencionado anteriormente, foi onde o conheci.

Nessas práticas de quem desenvolve o trabalho com zines é indispensável a capacidade crítica, porque o próprio zine é insubmisso e tem o poder de trabalhar a criticidade de quem o faz. Portanto, uma mistura de saberes experienciais, habilidades de conectar linguagens e habilidades manuais, são alguns dos conhecimentos presentes nesses fazeres zinescos. Em conclusão, por meio do contato com essas produções e no processo do mestrado, aprendi que é preciso experimentar o processo de criação na pesquisa (Adad, 2010).

De zine ao e-zine: redigindo considerações finais

Da transição do zine impresso para o digital, da pandemia de Covid-19 aos desafios de concluir uma dissertação, minha jornada de fanzineira para pesquisadora foi marcada por transformações. A pandemia me conectou com e-zines e seu público jovem, levando-me a explorar a netnografia e a importância do diário de pesquisa. A comunidade on-line ofereceu um espaço para conectar-me com fanzineiros experientes e iniciantes que continuaram a compartilhar seus trabalhos independentes.

Esta pesquisa é profundamente pessoal, pois investi minhas experiências, aprendizados e desafios nela. Minha análise me levou além da criação física de zines, estendendo-se a oficinas, à minha monografia e à minha dissertação de mestrado. O ambiente digital e a netnografia abriram novas possibilidades de exploração.

O zine "Auxílio Emergencial" serviu como um guia prático durante tempos incertos, enquanto "Vamos Vencer o Coronavírus" ofereceu uma abordagem divertida e educativa sobre a pandemia para crianças. "Peibê" apresentou uma diversidade de criadores de zines, enfatizando a criatividade e a colaboração. "Traços de Memória" destacou o poder da narrativa coletiva.

Minha pesquisa revela que jovens utilizam e-zines para se expressar e compartilhar seus conhecimentos. Durante a pandemia, eles criaram zines que exploravam a história familiar, forneciam informações sobre a Covid-19 e expressavam suas emoções. Esses zines frequentemente empregavam elementos visuais como emoticons e ilustrações para transmitir sentimentos complexos.

Os e-zines produzidos para minha disciplina de sociologia da educação me permitiram compartilhar minha paixão por zines com os alunos e experimentar a criação virtual. A pandemia nos forçou a nos adaptar ao ensino remoto, e os zines ofereceram uma saída criativa.

Em conclusão, e-zines oferecem aos jovens uma plataforma para se expressarem, conectarem-se com outros e aprenderem. Durante a pandemia, eles serviram como um meio de lidar com a situação, compartilhar informações e fomentar a criatividade. Minha pesquisa destaca a importância das ferramentas digitais em facilitar a expressão juvenil e o valor dos zines como uma forma de publicação independente.

Referências

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **Corpos de rua**: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Ver de ouvir: a experiência do corpo lesma para o historiador da educação. **Educação em debate** (UFC), v. 1, p. 142-148, 2010.

ALVES, Hayda et al. Crianças e pandemia da Covid-19: direito à voz e à participação mediada por fanzine. In: **Boletim Ciência Macaé**: estudos teórico-práticos sobre a Covid-19 em Macaé/RJ. Macaé, v.1, n. 2, p. 1-244, jul./set. 2020.

DAYREL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**: Especial, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJfSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 out. 2023.

FANZINOTECA lança zine para público infantil. Portal IFF, 2024. Disponível em: <<https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaie/noticias/fanzinoteca-lanca-zine-para-publico-infantil>> Acesso em: 5 setembro 2024.

FANZINOTECA MACAÉ. Inauguração da Fanzinoteca. Instagram: @fanzinotecamacaie. Disponível em: <<https://www.instagram.com/fanzinotecamacaie/>> Acesso em: 29 junho 2024.

FERREIRA, D. S. M. M.; MONTEIRO, J. O. **Auxílio emergencial**: que direito é esse? Coord. Alberto Carlos P. Souza – Beralto. Macaé, RJ: Instituto Federal Fluminense – Campus Macaé, abril 2020, 16 p. Disponível em: <<https://portal1.iff.edu.br/nossos-campi/macaie/noticias/campus-macaie-produz-cartilhasobre-auxilio-emergencial-1>> Acesso em: 24 março 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 68ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GALVÃO, Demétrios Gomes. **Fanzine: a cartografia rebelde de uma máquina de guerra**. Teresina: UFPI, 2005. p.44.

GALVÃO, Demétrios Gomes. Ressonâncias no meio do caminho e/ou no caminho do meio: a poética infame dos fanzines. In: MUNIZ, Cellina Rodrigues (org.). **Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 81–97.

KASTRUP, Virgínia. Conversando sobre políticas cognitivas e formação inventiva. In: DIAS, Rosimeri de Oliveira (org.). **Formação inventiva de professores**. Rio de Janeiro: 2012, p. 52-60.

KOZINETTS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica on-line**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LACERDA, Carlos de Brito. Fanzines educacionais: uma possibilidade concreta na educação ou uma blasfêmia no meio fanzineiro? In: ANDRAUS, Gazy; MAGALHÃES, Henrique (org.). **Dossiê fanzines, artezines e biograficines: publicações mutantes**. Goiânia: Cegraf UFG, 2021, p. 209-253.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
LIMA, Gerciane do Nascimento. **O uso do fanzine como dispositivo de potencialidades criativas com alunos do ensino fundamental I**. Teresina: UFPI, 2021.

LIMA, Gerciane do Nascimento. **Criações de e-zines no meio digital: saberes, emoções e sentimentos de jovens no período da pandemia (2020–2021)**. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, UFPI, Teresina, 2023.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MAGALHÃES, Henrique. Fanzines de histórias em quadrinhos: conceito e contribuições à educação. In: SANTOS NETO, E. dos; SILVA, M. R. P. da (org.). **Histórias em quadrinhos e práticas educativas: o trabalho com universos ficcionais e fanzines**. São Paulo: Criativo, 2013. p. 52–67.

MAGALHÃES, Henrique. **Pedras no charco: resistência e perspectivas dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2018.

MAGALHÃES, Henrique. **Fanzine: comunicação popular e resistência cultural**. *Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual – FAV/UFG*, v. 7, n. 1, 2009. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/Recursosparaquadrinistas/o-que-fanzine-henrique-magalhes>; <https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18121/10810> > Acesso em: 19 novembro 2020.

MARCA DE FANTASIA. Projeto IFanzone – apresentação. Disponível em: <<https://www.marcadefantasia.com/revistas/ifanzone/apresentacao.html>> Acesso em: 6 junho 2023.

PEIBÊ. Macaé, RJ: Fanzinoteca do Instituto Federal Fluminense – Campus Macaé, n. 7, ano VII, abril 2020. 45 p. Disponível em: <<https://www.marcadefantasia.com/revistas/ifanzone/edicoes/peibe/peibe7/peibe7.html>> Acesso em: 15 janeiro 2023.

PINTO, Renato Donisete. **Fanzine na educação**: Algumas experiências em sala de aula. 2. ed. Paraíba: Marca de Fantasia, 2020.

PINTO, Ubirajara Santiago de Carvalho; SOUZA, Alberto Carlos Paula de. A fanzinoteca como espaço do exercício criativo e político. In: ANDRAUS, Gazy; MAGALHÃES, Henrique (org.). **Dossiê fanzines, artzines e biograficines**: publicações mutantes. Goiânia: Cegraf Ufg, 2021. p. 431.

SEFFRIN, André (org.). **Melhores poemas**: Cecília Meireles. 1. ed. São Paulo: Global, 2016.

SILVA, Maria do Socorro Borges da; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Decolonialidade, Democracia e Arte da Pesquisa Sociopoética na Educação em Direitos Humanos. **Revista Cocar**, v. 14, n. 30, 2020. Disponível em: <http://177.70.35.171/index.php/cocar/article/view/3611>. Acesso em: 17 set. 2024.

SNO, Márcio. **Na linha de frente**: relatos, reflexões e experimentações sobre oficinas de fanzines. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2022.

SNO, M. **Perfil pessoal**. Facebook, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.facebook.com/usuario-ou-id>> Acesso em: 30 junho 2025.

TRAÇOS DE MEMÓRIA. Coord. Andrea Gomes Barbosa; Alberto Carlos Paula de Souza. Macaé, RJ: Instituto Federal Fluminense – Campus Macaé, n. 3, maio 2020. 20 p. disponível em: <<https://www.marcadefantasia.com/revistas/ifanzone/edicoes/tracosdememoria/tracosdememoria3/tracosdememoria3.pdf>> Acesso em: 19 junho 2023.

Vamos Vencer o Coronavírus. Coordenação: Hayda Alves; Alberto de Souza. Rio das Ostras, RJ: Fanzinoteca do Instituto Federal Fluminense; Universidade Federal Fluminense; Prefeitura de Rio das Ostras, 2020. 8 p.

ZAVAM, Aurea S. E-zine: uma instância da voz dos excluídos. In: ARAÚJO, Júlio César (org.). **Internet & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 93-112.

Sobre as autoras

Gerciane do Nascimento

Formada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), integra o Observatório das Juventudes e Violências na Escola (OBJUVE).

E-mail: gercylima17@gmail.com

Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0007-1979-8584>

Shara Jane Holanda Costa Adad

Doutora em Educação, Cientista Social, Especialista em História do Piauí, é professora no Departamento de Fundamentos da Educação (DEFE) da Universidade Federal do Piauí. Coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas em "Educação, Gênero e Cidadania" - NEPEGEI e o Observatório das Juventudes e Violências na Escola (OBJUVE) e integra o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE).

E-mail: shara_pi@hotmail.com

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-7711-6325>

Recebido em: 24/09/2024

Aceito para publicação em: 11/02/2025